

ROBERT MAC IVER: *A Democracia e os Problemas Econômicos*. — Trad. de Octávio Alves Velho, Ed. Civilização Brasileira S. A.

São do mais variado gênero as dificuldades antepostas ao autor de obra dedicada às controvérsias políticas. E, mesmo quando a técnica de exposição seja aplicada em altos níveis, jamais se deixará de encontrar paixão nas posições tomadas, desfigurando-se, por isto mesmo de certo modo, o caráter científico que se reclama para os trabalhos deste gênero na literatura de nossos dias, tão enxertada de publicações patrocinadas pelos organismos de propaganda dos países e dos regimes mais influentes.

Difícil, pela mesma razão, é a análise de tais obras. Pois, afinal de contas, ninguém está livre de se deixar trair na própria observação, quando o assunto sob consideração é a controvérsia ou o próprio depoimento político.

“*A Democracia e os Problemas Econômicos*” apresenta sob título tão sedutor uma tese apaixonante dos nossos dias à que vem ligado o nome respeitável de um professor de Filosofia Política e Sociologia da Universidade de Colúmbia, este mesmo vigoroso autor de tantos trabalhos de fôlego, que é Mac Iver.

O volume, traduzido para o português, enfeixa cinco palestras proferidas na Fundação William Cook, da Universidade de Michigan, em 1950, embora as teses apresentadas, ainda hoje e por muito tempo, não tenham perdido nenhuma parcela de atualidade.

Os problemas da correlação Economia-Direito e Política-Economia aí estão eloquentes e desafiadores. O autor tem posição tomada, que é a do combate preliminar ao marxismo, no que desce, por vêzes, a desfigurações de ataque que se tornam injustificáveis num autor do seu estôfo, municiado de recursos culturais capazes de oferecerem cargas muito mais eficazes em profundidade. E, ao mesmo tempo, as observações críticas ao capitalismo, tal como se apresenta hoje, levam-no a uma terceira posição que, de certo modo, exigiria outra série de conferências unicamente destinadas a defini-la.

De qualquer forma, e apesar destes descambados, trata-se de um livro de Mac Iver, que por isto mesmo merece mais detida análise.

Assim, a primeira conferência é dedicada ao estudo do “Poder Econômico Público e Privado”. E, versando o tema, faz girar todo o “conflito central do Século XX” em torno do que seja “o justo papel do Governo na esfera econômica”.

Este material de controvérsias, que a tantos pensadores tem preocupado, é definido pelo autor como uma questão tipicamente econômica. E chega a tal conclusão, após seguir por uma prolongada análise da vida em sociedade desde as mais primitivas formas, onde o povo pobre não vê os seus componentes se degladiarem por riquezas, não havendo, mesmo, “possibilidade de mudar seu fado de vida”.

A diferença do poderio econômico é destacada numa segunda fase da vida social, ou seja, na sociedade agrícola. Indivíduos e chefes de grupos têm, agora, poderio econômico diverso. E afirma que, então, “a autoridade é acompanhada de maior riqueza. Há uma clara relação entre Status e Propriedade. Os chefes podem aumentar suas posses; suas famílias passam a constituir uma elite. Têm criados domésticos, escravos e trabalhadores de terras”.

Em seguida, vem a aldeia. Depois a cidade, que perde o caráter agrícola primitivo e é “o lar dos governantes”. Ai, temos o mercado. E entre outras artes praticadas na cidade, “destaca-se a do mando”. Autoridade e Propriedade conjugam-se, e não se pode discernir entre o Poder Econômico e o Poder Político”.

Destaca o primeiro ponto capital da tese afirmando que, então, o Poder Econômico era poder público. Mas, limita êste fato histórico e sociológico ao advento da democracia moderna. Classifica a preferência marxista por êste tipo de raciocínio como “um velho truque dialético”.

Sua análise seguinte versa sôbre a Autoridade, a Propriedade e a Posição, concluindo que aquêle poder econômico era um refôrço do poder político numa “antiga ordem de coisas”, mas distanciava as classes dominantes das massas. E, por isto, emergiu dos movimentos realizados contra aquêle estado de coisas, uma “nova ordem — a ordem do Estado Democrático”. A tecnologia, de modo especial, foi a grande libertadora do homem, ao mesmo passo que a indústria e o comércio florescentes, incompatíveis com a aristocracia, permitiam a expansão da classe média”. Os prestígios tradicionais sofreram o embate do poder industrial. A nobreza, a estrutura militar, viram ruir o seu poderio ante a força do Trabalho que, por sua vez, transformando-se num novo poderio, permitia ao seu detentor negociar em pé de igualdade com qualquer outro poder econômico. Reis e presidentes foram posteriormente afrontados pelos líderes trabalhistas, passando a aspirar o próprio govêrno.

E, fechando o capítulo termina com uma afirmativa e uma interrogação. Afirma que “o papel histórico das classes médias foi permitir o nascimento da Democracia”. E pergunta: “Já terá terminado êste papel”?

A segunda conferência é dedicada à “Formação do Poder Econômico Privado”. O ponto de partida é a sociedade feudal européia posterior à queda de Roma. E, quando vai ser combatida, “êste ataque atingiu o ímpeto máximo na frente econômica”.

A perfeita identidade entre Liberalismo e Democracia registra-se nas lutas do Século XVIII, porém, ainda com o desenvolvimento econômico, o liberalismo ter-se-ia tornado “flácido sucedâneo da Democracia, virando a cabeça para não ver o que se passava nas fiações e nas minas”.

Impôs-se, então, uma revisão nas funções do Estado, para fazer ressurgir a crença democrática. E nas funções do governo passou-se a incluir a proteção do povo contra as conseqüências da industrialização, a carestia, o desemprego, a falta de higiene e o desamparo econômico da velhice. A democracia teria recebido, então, o seu maior desafio, com a doutrina marxista.

A terceira palestra é intitulada "O prodígio de Karl Marx".

Inicia esta conferência com uma análise histórico-crítica do capitalismo industrial que considera "espantosamente míope em seus interesses egoístas e néscios". Aponta-lhe um superficial erro de técnica, qual seja o de firmar-se nos princípios enunciados por A. Smith, muito antes do advento da máquina, para enfrentar problemas como o do trabalhador, ignorando, assim, a situação ínfima a que ficara reduzido o homem e especialmente, na época, as mulheres e as crianças condenados ao trabalho insalubre nas minas e nas fábricas sem nenhum conforto ou segurança.

Conclue, então, que por isto ficara preparado o campo para visionários como Owen ou para obras como o "Manifesto Comunista" de Marx e Engels.

Aplica-se, então, á análise da personalidade de Marx, dando bastante ênfase à idéia de que teria sido êle apenas "um homem em conflito com a sociedade. Em vez de considerá-lo como se tendo colocado contra o capitalismo, conclue que se tratava apenas de "um homem da classe média que acariciava uma fonte pessoal da exasperação". Isto, pelo fato de Marx não ter sido proletário, nem ter trabalhado em fábricas.

Toma a questão do poder econômico como base do poder social, considerando o pensamento marxista, neste setor, como um desafio à Democracia, afirmando que Comunismo, Socialismo ou Marxismo precisam ser tratados diferentemente, pois o Marxismo, na sua opinião, só pode conduzir à rígida forma de Capitalismo de Estado.

Considera os elementos clássicos da atividade econômica, Produção, Distribuição e Troca para se perguntar se poderão coexistir com a Democracia num regime em que tenham sido nacionalizados e, portanto, se podem sobreviver com as suas características próprias, num regime de planejamento econômico total.

"A Democracia e a Economia Planificada" é o tema da quarta conferência.

A tese central aí apresentada é a de que tanto capitalistas como comunistas apenas praticam um abuso geral no emprego dos termos, porque "todo Estado moderno é sócio-capitalista". Na economia moderna, segundo Mac Iver, nenhum sistema de livre iniciativa é completamente auto-regulável, afirmando mesmo que "O Governo dos Estados Unidos é responsável pela maior regulamentação do que o governo mais socialista da Inglaterra".

Aborda o pensamento dos principais autores nesta especialidade, especialmente Mannheim, para discordar de todos. Afirma que o capitalismo põe nas mãos de um número cada vez menor de indivíduos uma quantidade cada vez maior de riquezas, tornando-se cada vez mais incapaz de enfrentar as exigências da moderna civilização, verificando-se um desajustamento decorrente que é tanto moral quanto social. Discorda destes princípios, porém na própria refutação faz-lhe concessões. Assim, chega a admitir que "qualquer sociedade inteligente tende a planejar para cada situação que se apresenta"... Mas, notemos que isto seria precisamente a negação do planejamento e que tal concessão não apresenta os necessários traços de sinceridade.

Mais adiante, ao dizer que "todo serviço de planejamento é de caráter administrativo: não pode ser feito por meio de legislação" mostra uma desatualização lastimável com a própria legislação moderna que dispõe sobre os planejamentos, entra em detalhes de sua execução e acoberta a sua execução.

Ao fim do capítulo, o sociólogo se faz conhecer novamente em atitudes serenas e seguras, bem diversas daqueles que por vezes assume em posições apaixonadas de ataque. E sua observação merece registro ao afirmar que "se, ao contrário, apreciarmos honestamente cada necessidade que surgir, a sociedade resultante não será capitalista nem socialista, mas um sistema flexível, bem mais apropriado ao estímulo dos valores humanos e bem mais representativo do temperamento particular de cada povo, do que qualquer modelo pré-determinado".

A última conferência aplica aos Estados Unidos todo o material analisado nas palestras anteriores. Salienta, em tom crítico, a ausência que ali se verifica de um autêntico espírito democrático, sobretudo no tocante às discriminações internas e externas mantidas pela mentalidade norte-americana.

Como se vê, Mac Iver apresenta uma obra política na expressão do termo. Por vezes, chega a desagradar ao leitor afeito aos seus trabalhos científicos, onde a profundidade e a segurança constituem características predominantes, bem contrárias a determinados instantes desta obra em que a paixão chega a assumir aspecto de mera propaganda dirigida. No entanto, muitos são os pontos altos que permitem fácil identificação de uma cultura à qual estão habituados os seus leitores e os estudiosos de sua obra científica.

Por outro lado, a tradução de trabalhos deste gênero é, sem dúvida, a maneira mais certa de elevarmos o gabarito do leitor brasileiro, tão racionado de trabalhos sérios e capazes de despertar a sua atenção e aguçar a sua curiosidade para o trato dos temas políticos e econômicos em termos científicos.